

AUTISMO: DESAFIOS DA DOCÊNCIA

LIANA BARCELOS PORTO¹; RENATA DOS REIS LUIZ BARBOSA²

¹Faculdade Única de Ipatinga 1 – liana.porto@hotmail.com

²Faculdade Única de Ipatinga – tcc@ucamprominas.com.br

1. INTRODUÇÃO

A proposição principal deste estudo é suscitar uma reflexão a cerca da formação docente, no que tange ao trabalho nos anos iniciais do ensino fundamental com turmas que tenham autistas entre seus discentes. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo tendo como seu campo de investigação as professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vitor Marques Porto situada na cidade de Canguçu, Rio Grande do Sul. Foram aplicados questionários impressos para as professoras dos anos iniciais da referida escola que possuem em suas turmas alunos autistas. Com base na análise dos dados obtidos com os questionários, bem como, nas leituras realizadas é possível auferir que é extremamente importante à formação continuada dos professores, abordando temas de sua realidade de sala de aula, para que assim se construa uma educação de fato qualitativa e inclusiva.

2. METODOLOGIA

Nessa pesquisa optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa e de Caso. “Os métodos de pesquisa qualitativa são projetados para ajudar os pesquisadores possam mergulhar no contexto da pesquisa e a compreender as teorias, as pessoas e os contextos sociais e culturais” que envolvem a pesquisa (DIAS; SILVA, 2010).

Sobre o Estudo de Caso Ludke e André (1986) destacam que para a aplicação deste é preciso que o pesquisador esteja bem ciente do que de fato quer pesquisar “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo” (p.17). Esses autores ainda enfatizam que em um estudo de caso deve existir uma preocupação com o movimento da pesquisa e o contexto em que ela ocorre. E por isso será utilizado no presente trabalho por oferecer ao pesquisador um pequeno recorte, mas, que possibilita o estudo desta temática em profundidade caso seja necessária.

Foi utilizado para coleta de dados o questionário. Este, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 201) são:

[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

O questionário foi entregue de maneira impressa para as quatro professoras dos anos iniciais do ensino fundamental que tinham em suas turmas discentes autistas estas tiveram até a data pré-estipulada para responderem o mesmo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Bleuler, para designar a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Com base nas pesquisas bibliográficas realizadas para trazerem consistência teórica para este trabalho, pode-se dizer que o autismo é descrito como um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano. Com base nesta explicação permitiu-se que o autismo não fosse mais classificado como psicose infantil, termo que trazia consigo um rótulo para as famílias e para os indivíduos com autismo. Com base no que diz o manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais (DSM.IV), pode-se dizer que as principais características do autismo são: Prejuízo no desenvolvimento da interação social e da comunicação. Possível atraso ou ausência do desenvolvimento da linguagem. Naqueles que a possuem, pode haver uso estereotipado e repetitivo ou uma linguagem idiossincrática. Repertório restrito de interesses e atividades. Interesse por rotinas e rituais não funcionais. Para um diagnóstico assertivo a cerca do autismo deve-se considerar com atenção o prejuízo no funcionamento ou atrasos em pelo menos uma das três áreas:

Interação social
Linguagem para comunicação social
Jogos simbólicos ou imaginativos

Fonte: Elaboração pela autora do artigo, com base nas informações do Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais (DSM.IV).

Considerando essas especificidades e limitações pensando que hoje em dia alunos autistas devem frequentar as escolas regulares, uma reflexão surge, em uma sala de aula com no mínimo 20 alunos, cada um com suas características individuais, como trabalhar de forma qualitativa tendo autistas na classe? Como de fato promover uma interação com esses sujeitos e deles com os demais colegas?

Essas provocativas questões tem como resposta a formação do educador, esse necessita ter plena consciência do seu papel fundamental no desenvolvimento desses alunos autistas, e acreditar na sua capacidade. Ainda nessa perspectiva, destacamos que o construto de uma educação verdadeiramente inclusiva pode ser caracterizada como um grande sonho utópico por parte de alguns educadores que lecionam para pessoas com deficiência ou autismo, mas quando esses educadores se comprometem de fato, e modificam suas estratégias de ensino e aprendizagem , produzindo propostas pedagógicas com efeitos reais no processo de inclusão, estes alcançam de forma pragmática a práxis pedagógica com vistas à inclusão. (FARIAS; MARANHÃO; CUNHA, 2008).

Ainda sobre essa questão Gomes, Balbino e Silva (2014) destacam que, para realizar o processo de aprendizagem com as crianças com autismo é indispensável a realização de um trabalho organizado em rotinas, além disso, o ambiente de aprendizagem deve oportunizar a estimulação para que o ensino aconteça de forma espontânea, para que a criança tenha interesse em realizar as atividades propostas e se sinta envolvida enquanto suas necessidades estejam

sendo atendidas. A assertividade na elaboração e escolhas das estratégias pedagógicas adaptadas é muito importante para o sucesso na aprendizagem porque quando nos referimos a crianças com autismo, podemos compreender que as mesmas possuem peculiaridades e respostas diferenciadas frente às atividades em sala de aula. Tendo clareza da importância do papel do docente para a inclusão e pleno desenvolvimento dos alunos com autismo que propomos aqui um repensar sobre a formação docente, será que os professores tem formação para trabalhar com alunos autistas? Será que estas são importantes para um trabalho de qualidade? Questionamentos que vão sendo esclarecidos ao longo deste estudo.

Com base nas respostas obtidas nestes questionários, pode se dizer que:

As turmas das professoras pesquisadas têm de 16 á 23 alunos, em cada uma das turmas tinha um aluno autista, esses quatro sujeitos autistas são meninos, de idade entre cinco e dez anos. Todas as entrevistadas tem monitora em suas salas de aula, essas fazem o acompanhamento dos alunos autistas e auxiliam estes na realização das atividades propostas pelas professoras titulares das turmas, contam também com o AEE (atendimento educacional especializado) duas vezes por semana, onde os alunos autistas são atendidos por profissional especializado em turno inverso por um tempo médio de 45 minutos por sessão.

Das quatro professoras partícipes da pesquisa nenhuma delas tem especialização na área do autismo, e nem em cursos de extensão específicos sobre o tema e todas relataram que a secretaria municipal de educação do município oferta bons cursos sobre o tema, porém estes são direcionados apenas para os profissionais que atuam no atendimento educacional especializado, o que as deixa sem respaldo teórico e sugestões de atividades.

As entrevistadas foram unâimes em relatar que muitas vezes por falta de conhecimento sobre o autismo acabam se distanciando desses alunos, por medo, por preocupação com o restante da turma etc. E que para elas a principal dificuldade encontrada é conseguir preparar aulas qualitativas e que atendam a heterogeneidade das turmas atendidas.

Analisando os dados obtidos fica claro que a formação continuada de professores é indispensável, e que a secretaria municipal de educação do município onde se realizou a pesquisa (Canguçu RS) deve rever suas propostas de formação continuada, pois foi verificado que embora os professores titulares das turmas que tem aluno autista recebem auxílio de um profissional especializado e monitor, estes não recebem os cursos e formações, o que é prejudicial para a aprendizagem desses alunos, visto que esse professor titular é quem planeja as aulas e atividades e tem a chancela da turma. Soares (2009), fala sobre estratégias educativas adaptadas e enfatiza que é fundamental ter um material adaptado que facilite a aprendizagem e ajude a criança com autismo a ficar atenta e realizar as atividades com motivação e atenção, destaca ainda que mudanças na disponibilização no ambiente são necessárias, exemplos: expor dicas visuais, ordem e previsibilidade são muito importantes, as pistas visuais irão ajudar a criança a prever os efeitos do seu ambiente e reduzir o medo do desconhecido (Quadro de rotina, cartolinhas com palavras escritas). Dicas simples, mas necessárias, mas, como os professores vão saber de todos esses detalhamentos se não conhecerem um pouco do autismo? Principais peculiaridades e necessidades, para que de posse desses conhecimentos possa planejar estratégias pedagógicas realmente inclusivas e que o ensino e

aprendizagem ocorra com maior naturalidade e prazer para ambos (docentes e discentes).

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, é possível afirmar o quanto é importante o processo de formação continuada dos professores, e o quanto esse processo deve atender demandas da realidade desses profissionais. Vale frisar que o discente autista como todos os alunos merecem de seus educadores atenção e sensibilidade, porém não invisibilidade e esquecimento.

Destacamos ainda que a verdadeira escola inclusiva é aquela que consegue ver as diferenças e as pessoas com deficiência da forma como elas são e aprendem cooperativamente a trabalhar juntos desenvolvendo potencialidades e significativas aprendizagens.

Ainda que de maneira singela esse trabalho pretende ser um sinalizador para que outros estudos sobre essa mesma temática venham oportunizar uma maior difusão do conhecimento sobre o autismo, bem como, problematizar e refletir sobre a importância da formação continuada dos educadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Donaldo de Souza; SILVA, Mônica Ferreira da. **Como escrever uma monografia: manual de elaboração com exemplos e exercícios**. São Paulo: Atlas, 2010.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHAO, Renata Veloso de Albuquerque and CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada**. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2008, vol.14, n.3, pp.365-384. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-6538200800030004>. Acesso em: 20 agosto. 2018.

GOMES, M. A.; BALBINO, E.S.; SILVA, M. K. **Inclusão escolar: um estudo sobre a aprendizagem da criança com autismo**. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 4. 2014, São Cristóvão. Anais eletrônicos. São Cristóvão: UFS, 2014. Disponível em: <http://educonse.com.br/viiocoloquio/>. Acesso em: 18 agosto. 2018.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 5^a ed. 2003.

_____. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, Menga; Marli Elisa D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SOARES, N. **Recebi um aluno autista na minha sala de aula: o que fazer?** 2009. Disponível em: < <http://www.projetoamplitude.org/com-a-palavra-amplitude/recebi-um-aluno-autista-na-minha-sala-de-aula-o-que-fazer/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.